

Graal

Geração 45-65

Testemunhos

Janeiro, Fevereiro de 2010

Índice

Cristina Cerveira Pinto
Constança Providência
São Guedes
Maria Margarida Pimentel Pinto
Ângela Ponte
Helena Porfírio
Conceição Santos
Teresa Patrício
Marijke de Koning
Ondina Duarte
Lucy Wainwright
Ticha Vasconcelos
Berta Figueiredo
Helena Guedes
Tó Coutinho
Lourdes Pinto
Maria José Bronze
Ananda Fernandes
Lucinda Bento

Cristina Cerveira Pinto

O meu caminho tem muito a ver com a oração de Francisco de Assis, e do poema " O Sonho" de Sebastião da Gama, e por todo esse pensamento, estar sempre atenta à Vida, com os meus, os vizinhos, os amigos, através da política, por isso inscrita num partido para o diálogo permanente sobre a situação dos Concidadãos. Pensar e actuar sempre de braços abertos.

Entrecruzei-me com Graal, ao caminhar no hospital S.João no Porto, com 18 anos, frequentando 1º ano do curso de Medicina. A minha atitude era da igualdade entre todos os colegas, quer homens ou mulheres, sendo as ideias o fundamental. Todos éramos colegas, e o nosso fim era aprender, estudando e dialogando, embora notasse por vezes, um olhar de soslaio em alguns rapazes pela capacidade igual de diálogo, formação de grupos e realização de trabalhos. Então a Teresa Castro Laranjeiro, k já pertencia ao Graal, e como minha colega k era, convidou-me a sua casa, onde encontrei Maria do Loreto, e k após um diálogo frutífero, muito aberto, e com sentido de olhar a nossa sociedade, analisá-la, e tentarmos estar ao serviço do bem estar da sociedade, então entrei no Graal, e pertenci ao 1º grupo no Porto com Loreto, Teresa Castro Laranjeiro, Olga Oswald e Margarida Portela.(perg.1)

Fui convidada para uma reunião do 1º grupo do Porto +/-1972. Senti k pensávamos do mesmo modo àcerca da visão do mundo e dos outros. Então entrei no grupo e no Porto. Somos Graal em todo o lugar onde estivermos, porque pensamos sempre que somos pessoas pensantes e capazes de intervir em situações de desigualdade e de proveito próprio. Quanto às preocupações e anseios pelo Graal, é sentindo k é através de encontros com outras mulheres e pensando com elas a realidade do Mundo onde vivemos e k juntamente com homens o construímos sempre no sentido do BELO, IGUALDADE, DÁDIVA e ATENÇÃO por todos, sobretudo os k necessitam. Gostaria k o Graal continuasse a ser um motor para o BEM, IGUALDADE, PRAZER de VIDA e TRABALHO para a FORTALEZA, BELEZA e CIDADANIA. Avancemos e até à próxima.

Conceição Guedes

1. O meu percurso no Graal é já um pouco longo em tempo mas com fases mais activas e outras em que estive menos presente, mas sempre muito marcante e positivo.
2. A minha caminhada entrecruzou-se com o Graal quando deixei de ser militante da acção Católica e me foi dado a conhecer este movimento pela Celeste Baptista em pleno período após 25 de Abril.
3. O Graal foi e ainda é muito importante na minha vida, apesar de não estar de uma forma activa permanente, o estar sempre em sintonia reflecte-se na nossa vida.
4. Através da nossa maneira de ver a sociedade, a Igreja e tudo o que daí podemos denunciar reflectir e tentar mudar.
5. O que mais anseio é que continue a ser um grande movimento de mulheres cristãs coeso e forte para encarar os problemas e anseios de todos.
6. Gostaria que fosse massa e fermento como tem sido até hoje, ter asas e voar.

Constança Providência

1. Fiz um percurso muito ligado à minha profissão que é muito exigente: estudei física seguindo uma carreira universitária simultaneamente de investigação e de ensino. Física é uma área, como muitas outras ciências, que evoluiu muito depressa e que por isso exige um empenho a 100%. Todo o tempo livre foi frequentemente dedicado à investigação. Presentemente formei um grupo que tem atraído jovens físicos de outros países e que trabalha em grande colaboração. É-me solicitada frequentemente a minha contribuição em tarefas administrativas para além das de docência que são uma obrigação de todos. Casei com um alemão e tenho duas filhas que são educadas tendo em conta as origens diferentes dos pais. A educação das filhas é um desafio pois obriga-nos a um diálogo permanente que nos permita orientá-las quando necessário e dar-lhes a liberdade de desabrocharem de um modo independente quando o querem. Gostaria de conseguir que o diálogo fosse o normal e que conseguir ir sempre mais além, superando a cada momento, no estudo, nas relações com os outros, na procura de soluções para os problemas que surgem.

2,3. Acho que o primeiro encontro se deu devido ao envolvimento dos meus pais numa actividade do Graal e foi através da Isabel Allegro. A minha caminhada cruzou-se com o Graal devido à vida espiritual: pela alegria de crer, pelo festejo da vida, pela presença de Deus. Aprendi a estar com Deus num simples momento de beleza, de alegria, de vazio a sentir o vento, o mar, o cheiro da terra. Penso que o Graal teve um papel muito importante nesta aprendizagem. Esta alegria de viver faz que esteja sempre preparada para ultrapassar os erros e recomeçar de outra maneira.

4. Penso que o meu único modo de ser sinal do Graal é o da alegria e o da disponibilidade no meio em que vivo seja o trabalho seja a família.

5. Frequentemente me pergunto se serei realmente membro do Graal pelo meu pequeno envolvimento na sua vida não contribuindo em projectos ou actividades.

Mas penso que o Graal ou está aberto a receber todas as que se sentem chamadas ou poderá transformar-se numa organização com objectivos bem definidos e não um movimento de mulheres, uma rede de mulheres que com as suas vivências diferentes podem ser um sinal de mudança na nossa sociedade, Receio a falta de novos elementos. E a minha vida espiritual nunca me levou a convidar alguém para o Graal.

6. um movimento de mulheres empenhadas nas suas vidas profissionais, políticas, familiares, mostrando a presença de Deus.

Maria Margarida Pimentel Pinto

Que caminho percorremos, onde estamos, e para onde gostaríamos de ir?

O caminho é andar à procura do infinito, percorrendo o universo com o nosso exemplo de vida.

Como é que a nossa caminhada se entrecruzou com o Graal?

O Graal foi uma caminhada que fiz ao longo de 34 anos, começando pelos cursos de alfabetização. Foi um movimento que se interiorizou na minha vida.

De que modo o Graal é/foi essencial na nossa caminhada?

O Graal foi e é essencial porque me ajudou a descobrir o valor de cada mulher na sociedade.

De que modo somos sinal do Graal nas nossas vidas?

Somos sinal do Graal dando o testemunho nas nossas pequenas coisas, no dia-a-dia, mostrando como nós, mulheres podemos mudar a nossa sociedade, sendo um factor activo dentro da sociedade.

Quais são as preocupações e anseios que temos em relação ao Graal?

A minha preocupação em relação ao Graal é a necessidade de cativar gente jovem para prosseguir com este movimento, sempre em actividade constante.

O que é que eu gostaria que o Graal fosse no futuro?

Gostaria que o Graal fosse no futuro uma contínua fonte de energia que contagia o nosso espírito.

Ângela Ponte

Um caminho entrelaçado

Já é longo e diverso o caminho percorrido. Ora paralelo e coincidente, ora elo mais distante da rede.

No momento, sinto estar a tactear qual criança indecisa sem certezas nem rumos certos. Gostaria sinceramente que o movimento se reforçasse no tecer de teias de encontros múltiplos onde se privilegiasse o sentir de pertença de todas e cada uma, assim como a capacidade de abertura e acolhimento.

A minha caminhada entrecruzou-se com o Graal num programa de propedêutico em Oeiras e a partir daí, passou a constituir bússola e farol que me foram acompanhando quais companheiros de viagem.

Bússola, porque foi no Graal, com a Ivone Leal que decidi o curso a tirar, no Graal conheci o Luís, No Graal decidi celebrar o meu casamento.

Farol, porque posso afirmar que o Graal tem sido um referencial de valores e postura que integra aquilo que sou, onde quer que esteja.

Preocupa-me a capacidade face ao cuidado devido À geração mais velha e anseio por uma maior coesão.

No futuro gostaria que o graal mantivesse a capacidade de espalhar sementes e fermento de esperança quaisquer que sejam os sinais dos tempos.

Helena Porfírio

Que caminho percorremos, onde estamos, e para onde gostaríamos de ir?

O Graal insere-se num movimento sociológico de conscientização da iniquidade que atinge a mulher, e outros desiguais da e na sociedade. Percorre-se o caminho de afirmação da mulher ou das mulheres se quiserem (porque não existe mulher com letra grande). Por outro lado, muito através do não dito há caminhos que levarão à igualdade da mulher dentro da igreja.

São caminhos de avanços e recuos, como quem borda “ponto-pé-de-flor”. São caminhos que ocupam tempos mais visíveis uns, mais invisíveis outros (por exemplo estes quando os filhos são mais pequenos e a disponibilidade tem de lhes ser dada), mas acredito que todos eles laboram no sentido de ir dar ao Santo Graal.

Como é que a nossa caminhada se entrecruzou com o Graal?

No tempo final da adolescência, já na Faculdade, através do contacto pessoal de uma amiga do Porto. Um convite para integrar um campo de férias do Graal no Sul de França, na Provence onde conheci também, para além de outras, a Maria de Lourdes Pintasilgo. Entrou por osmose, devagarinho, tudo, naquele Verão.

De que modo o Graal é/foi essencial na nossa caminhada?

Há experiências que são fundadoras, estruturantes, uma vez conhecidas, nunca mais nos abandonam, tornam-nos pessoas diferentes. E queremos mais e mais e mais... é uma demanda, uma procura incessante... e estamos quase lá, e ainda não chegamos... ainda hoje eu sei que não sei fazer a pergunta correcta, que não vejo, que fujo, que perdi a oportunidade...

De que modo somos sinal do Graal nas nossas vidas?

É difícil explicar, sentimos que fazemos muito pouco, ou nada mesmo, sentimos que estamos muito aquém daquilo que é esperado, que, em certas circunstâncias nos é até exigido, muito aquém daquilo que nos propusemos. E depois às vezes como que somos reconhecidas, por sermos diferentes, por esperarmos outra(s) coisa(s), por respondermos de outra maneira à(s) pergunta(s) que nos é feita. E nessa altura sabemos que é o Santo Graal em nós.

Quais são as preocupações e anseios que temos em relação ao Graal?

Em relação ao Graal, hoje, as preocupações ou anseios (para nós são a mesma coisa – problema traz solução) é que o Graal saiba continuar, se adapte ao novo mundo, ao novo humano, à nova mulher – mulheres, às novas formas de vida em conjunto, às novas alterações demográficas.

O que é que eu gostaria que o Graal fosse no futuro?

Que seja um movimento de mulheres cristãs à procura, com o Outro na reunião do Espiritual, da Estética e da

Ética.

Que procure o seu espaço neste novo mundo do presente/futuro.

Que se espalhe/floresça ainda mais em todo o mundo.

Que seja uma rede transgeracional.

Conceição Santos

A minha caminhada entrecruzou-se com o Graal num curso de animadoras locais e foi essencial na busca do sentido da vida e numa procura e aprofundamento da espiritualidade.

É sinal do Graal, no dia a dia, o procurar agir de uma forma ética que se traduza na responsabilidade e no cuidado.

Preocupa-me que o ritmo que as sociedades tentam imprimir, dando ao trabalho um valor absoluto, que absorve cada vez mais tempo e nos aliena daquilo que verdadeiramente é essencial, indisponibilize cada vez mais mulheres para o Graal.

No futuro, gostaria que o Graal fosse um movimento gerador de mais humanidade, seja qual for o rumo (cada vez mais incerto) da humanidade.

Teresa Patrício

Que caminho percorremos, onde estamos, e para onde gostaríamos de ir?

Nascida numa aldeia. Estudei (na época era improvável ir além da 4ª classe). *Escolhi o curso* de acordo com as minhas *preocupações e tive trabalho logo a seguir* (coisa improvável hoje em dia). Fui escolhendo ou sendo escolhida para diferentes oportunidades de intervenção/diferentes experiências que muitas mulheres da minha proximidade não puderam ter. À minha volta fala-se muito da aposentação e eu sem me ralar ainda com isso. Mudou muita coisa em mim, não só o corpo mas também o que penso e sinto. Não sei como vai ser amanhã, mas o que mais desejo é manter a capacidade de me entusiasmar (ainda que discreta e comedidamente, ao meu jeito). E nisso reconheço que o Graal é para mim como a seiva nas plantas.

Como é que a nossa caminhada se entrecruzou com o Graal?

"Li" do Graal antes de conhecer quem quer que fosse. Chegou-me às mãos a "Igreja em Diálogo" e notícias de intervenções da Mª de Lourdes, Teresinha Tavares e Teresa Stª Clara em semanas missionárias. A Igreja, portanto, com diferenças que eu nem sabia nomear. As mulheres no mundo *de outro modo*, de um modo que eu não falava com ninguém mas que me interessava.

Depois, foi sendo. Fui conhecendo pessoas do Graal, participando em diferentes acontecimentos, ouvindo muito, perguntando quase nada. Tive sorte. Acho que nem tive grande mérito: fui deixando acontecer.

De que modo o Graal é/foi essencial na nossa caminhada?

Não consigo imaginar como teria sido a minha vida sem a minha participação no Graal. Outras pessoas tiveram caminhos extraordinários partindo de pontos insignificantes, por circunstâncias que não imaginariam. O Graal para mim tem sido o lugar em que me encontro a mim própria com outras, o lugar de renovação constante, do "não me conformo; a vida pode ser melhor para todos; essa é também a minha tarefa".

De que modo somos sinal do Graal nas nossas vidas?

Às vezes aflige-me o modo muito imperfeito como o Graal pode ser percebido por outra/os através do que dele vêm em mim, naquilo que sou e faço (ou nem faço...). Espero que no melhor que vêm reconheçam que o Graal está lá, que tem a ver com isso, e que ao pior dêem o desconto devido a mim...

Quais são as preocupações e anseios que temos em relação ao Graal?

Entusiasmar outras mulheres. Centrarmo-os no mais importante. Escutarmos mais profundamente.

O que é que eu gostaria que o Graal fosse no futuro?

Uma busca permanente. Activa.

Marijke de Koning

Como é que a minha viagem de vida se entrecruzou com o Graal?

Conheci o Graal em Amesterdão quando tinha quase 17 anos. Comecei por participar no Centro Internacional do Graal na Holanda, o Tiltenberg, em encontros ecuménicos de jovens católicos e protestantes. Foi um tempo em que comecei a aprender o que é fazer um trabalho de grupo baseado no diálogo e na conversa. Aprendi as primeiras técnicas de animação de grupo. Foi o tempo em que comecei a gostar de estar no mundo “de uma forma pensante”.

Muito caminho percorri desde então, sobretudo trabalhando em projectos do Graal em Portugal e a utilizar em contextos profissionais muito daquilo que aprendi em contextos Graal. Das iniciativas e projectos em que mais me envolvi, lembro-me do trabalho com estudantes do ensino secundário em Lisboa, entre 1971 – 1973, dos projectos de conscientização de mulheres e raparigas em meio rural (entre 1976 e 1990), da Rede *Lien*, (a partir de 1991), da Rede de Mulheres Anos 2000 (1994 – 1997), do Projecto Para uma Sociedade Activa (1999 – 2001).

Actualmente estou envolvida no trabalho da Fundação Cuidar O Futuro, no grupo de pertença do Porto, no Grail Study Centre em Utrecht e na preparação de um estudo sobre a Rede Lien, em conjunto com a Ine van Emmerik do Graal da Holanda e com o apoio da Kerstin Jacobsson do Graal na Suécia.

Quando tinha 36 anos explicito o meu projecto de vida Graal no Núcleo Internacional do Graal. Quis dar expressão mais explícita à minha responsabilidade no Graal. Dizer que “podiam contar comigo, agora e no futuro”.

Para onde gostaria que fôssemos como Graal?

Hoje em dia acho que a responsabilidade tem de ser partilhada por todas de acordo com a disponibilidade de cada uma em diferentes fases da sua vida. Acho que devíamos encontrar formas mais eficazes de responsabilização de mais participantes em assumir tarefas de liderança, coordenação, acção e acompanhamento, tanto a nível nacional como internacional. Tarefas que permitam continuarmos a existir enquanto rede internacional de mulheres. Para mim são critérios estruturantes nesta rede o aprofundamento espiritual, uma reflexão crítica, uma vida justa, não consumista, não competitiva. Tudo isto inspirado pelo respeito pelo outro e por uma responsabilidade de gastar o mínimo do que extraímos da natureza, de modo a poluir o mínimo possível o nosso meio-ambiente.

A minha vida sem o Graal seria outra. Só posso dizer que o Graal foi estruturando a minha vida. Por isso o Graal foi e é essencial.

O Graal permitiu que eu continuasse a poder situar-me na tradição cristã e valorizar outras perspectivas religiosas e espirituais.

O Graal permitiu-me que tomasse consciência da minha/nossa situação enquanto mulheres.

Não sei se sou ou se alguma vez fui “sinal do Graal”. Acho que “a força silenciosa da transcendência”, o desejo de sempre-ir-além tem a ver com o que podemos chamar ser sinal do Graal. Tento viver isso.

Tentei dizer algo sobre a minha/nossa *história* Graal no livro *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher*. Foi importante para mim fazer este exercício de escrita. Foi pensar o sentido da minha vida, construído com outras mulheres, um sentido que está sempre em construção, que vai sempre à minha frente. De certo modo esta escrita foi uma forma de transcendência.

A minha preocupação principal com o Graal é a seguinte: como congregar as participantes numa “maior unidade” e ao mesmo tempo respeitar a multiplicidade de empenhamentos e iniciativas diversos em que cada uma participa “fora do Graal”?

O Graal deixou de ser há muito tempo uma “instituição total” em que cada membro identificava o seu projecto de vida quase exclusivamente com o movimento. Estamos “dispersas” em inúmeras coisas interessantes (ou não), que exigem a nossa atenção. Estamos em diversas procuras espirituais, éticas e estéticas que nos inspiram. Como ter espaço suficiente para o Graal, de modo que não seja algo de que gostamos muito e que foi muito importante num determinado momento, mas que está apenas algures na nossa lista de tarefas a cumprir?

Tem de haver coisas fortes que nos unam e que permitam que haja sempre “encontro” e “reencontro” no meio da

dispersão que caracteriza a vida no mundo de hoje. Este reencontro, sempre a acontecer de novo, pode transformar a nossa pertença ao Graal, numa pertença actuante em que o nosso agir pode ter resultados incríveis, imprevisíveis e quase sempre invisíveis ou só visíveis muito mais tarde.

Para o futuro ir podendo acontecer, acho que devíamos poder explicitar mais este “fio condutor” que o Graal é nas nossas vidas, através de mais comunicação entre nós e de uma maior cumplicidade. Significa mais partilha sobre o que cada uma está a tentar fazer na tentativa de humanizar mais os mundos de vida em que todas estamos inseridas. Acho que os encontros de geração podem ser um passo nesta direcção.

Ondina Duarte

Que caminho percorremos, onde estamos, e para onde gostaríamos de ir?

Este já é um caminho longo de mais de trinta anos. Ao longo deste tempo vivi num centro do Graal, vivi tempos de maior proximidade e envolvimento/sincronia, tempos em que pela situação profissional dei menos, tive menos disponibilidade ou senti menos envolvimento, menor capacidade de comunhão.

Como é que a nossa caminhada se entrecruzou com o Graal?

A forma como o meu caminho se entrecruzou com o Graal começou por ser um acaso, uma coincidência.

Vivendo no Algarve, estava longe dos sítios onde as mulheres do Graal tinham projectos e actividades, quis o destino que a Isabel Allegro (soube muito tempo depois) fizesse uma viagem a Portimão e colocasse na vitrina do liceu que eu frequentava, um folheto a anunciar um programa para raparigas que estavam a fazer o Propedêutico, essa era a minha situação por esses dias. Olhei aquele papel de um modo não muito convicto porque uma coisa só para raparigas e ainda por cima cristã, podia ter alguma coisa de “sacristia”, que naqueles tempos revolucionários (77/78) estava algo fora de moda!

Telefonei, e fiz a mala, para sozinha ir de Portimão a Oeiras, ter com umas mulheres que não conhecia de lado nenhum, de quem nunca tinha ouvido falar.

O primeiro impacto foi muito interessante, tínhamos tudo a ver. A experiência do Propedêutico residencial foi marcante, decisiva, o início de um percurso de vida.

A partir deste começo, sempre tenho tido a lenda da procura como horizonte de vida.

De que modo o Graal é/foi essencial na nossa caminhada?

O Graal, a visão, a missão, os valores, a ética, a estética, as pessoas, as pessoas concretas na sua diversidade e na sua unidade - foi sempre presença, caminho, companhia.

De que modo somos sinal do Graal nas nossas vidas?

Tenho tentado viver os valores que constituem, para mim, o sinal de comunhão com este grupo de mulheres. A procura espiritual, a vivência da fé e das escolhas de vida.

Quais são as preocupações e anseios que temos em relação ao Graal?

Algumas preocupações prendem-se com a continuidade desta rede que cruza um património valioso de ideias e realizações, que cruza energias e vontades de mulheres diferentes com empenhamentos muito diferentes na sociedade.

O que é que eu gostaria que o Graal fosse no futuro?

Um movimento uno e plural, um movimento que dê sentido á vida de muitas mulheres, um movimento que continue a ter palavras que apontem para lá do horizonte, que seja um espaço de tecer alternativas, caminhos novos e formas diferentes de ser e estar.

Gostaria de um movimento com mais gente nova, com mais leveza.

Lucy Wainwright

Acho que desde sempre ouvi falar no Graal. A minha mãe contava que a minha avó (que não conheci) jovem viúva, em Londres, nos anos vinte, reunia com umas amigas do Graal.

Quando andava na Escola de Educadoras Maria Ulrich foram lá falar de Campos de Férias a Tomázia e a Jacqueline. Resolvi inscrever-me e assim cheguei à Trêmoa em Agosto de 1966.

Vivemos dias extremamente fecundos e felizes e no fim cantávamos “on n’oubliera pas Tremoa , l’experience qu’on y a fait: se recontrer dans la joie, bâtir une communauté »

E tendo sido lá tão feliz procurava prolongar essa vivência indo a uns encontros às quintas-feiras na Av Estados Unidos e depois na Visconde de Valmor.

Em 1968 terminei o curso de Educadora e a Teresinha Tavares e a Teresa Santa Clara perguntaram-me se não queria ir trabalhar para o Projecto de Promoção Humana e Evangelização em Portalegre. Foram dois anos fantásticos, de uma vida em equipa de uma riqueza muito grande e que guardo sempre no coração.

Depois desse tempo de uma participação total, a vinda para Lisboa, trabalho, mais tarde casamento e nascimento de filhos, mudou substancialmente a qualidade e a quantidade da participação. Por isso ficou sempre como ideal o tempo de Portalegre. Houve depois muitas coisas boas e bonitas, Encontros, Serões, Assembleias, cruzamentos com pessoas diferentes, experiências e conhecimentos novos, aprofundamento da Fé, descobertas culturais fascinantes e sempre enriquecedoras e de grande qualidade. Conheci pessoas fantásticas e fiz amizades que me dão muita alegria.

Há mais de 30 anos, na sequência da preparação para uma Assembleia fiz parte de grupo de reflexão Tínhamos em comum a vontade de transformação do mundo(?), éramos na maioria casadas, com filhos pequenos, e algumas de nós viviam na zona da Parede. Quando mais tarde foi sugerida, como modo de participação no Graal, a constituição de grupos de pertença, esse grupo inicial, entretanto já mais consolidado, passou a chamar-se “Grupo da Parede”.

Neste grupo temos vivido em conjunto muitos momentos de alegrias, tristeza, esperança, desilusão, mas o grande motor é uma amizade de raízes já muito fortes, em que nos sentimos família e onde cada uma está absolutamente livre e à vontade para se expor e onde muitas vezes encontra a luz que procura. Neste momento, para além de algumas (poucas) idas a alguns Encontros, é a minha única ligação concreta ao Graal.

Neste momento concreto o que sinto de facto? Sinto que o Graal, por toda esta vivência, faz parte de mim, mas, muito sinceramente, não sinto a falta de uma ligação e referência específicas e surge aquela falta de entusiasmo quando é suposto falar-se de estruturas, contas, relatórios, assembleias, etc.

Para o futuro desejo que o Graal continue a ser local onde se **pensa** a Vida e a Fé e onde se privilegia a **Celebração**, sempre numa grande atenção ao momento actual e às necessidades concretas da Sociedade.

Ticha Vasconcelos

O meu “Porque Não?” e o Graal?

Queridas amigas da geração 45-65:

Prefiro usar a forma epistolar para partilhar convosco as minhas reflexões pessoais, antecipando jubilosamente o encontro de 6-7 de Fevereiro. Dá-me mais jeito escrever para um colectivo.

Eu vim para o Graal em 1974, logo após o 25 de Abril, porque “queria aprender a trabalhar com o povo”.

Quando acabei o curso de educadora de infância em 1970, a minha amiga irmã Maia, pôs-me um “Igreja em Diálogo” nas mãos e disse-me: “Talvez o Graal seja um movimento para ti”. Pelos vistos não prestei a devida atenção e “perdi” 4 anos de Graal. Mas são os caminhos do Espírito que, às vezes, são sinuosos... Nesse verão de 74 fui logo para um campo de trabalho em Almalaguês onde conheci a Manela Afonso, a Júlia, a Loreto e a Isabel Allegro acabadinha de regressar do México e, de Almalaguês, fui directa para Taizé para a abertura do Concílio dos Jovens. Nessa altura eu estava fora da igreja católica, sobretudo por causa das suas posições acerca da sexualidade e da política, apesar de que continuo a afirmar que bebi a Fé que “tenho” (e que continuo a tentar esclarecer nas minhas indagações) com o leite da minha Mãe Teresa.

Através do mergulho no “trabalho com o povo” redescobri, com o Graal, que eu podia viver a minha condição de cristã de outra forma, e bem radical. E foi pelas “celebrações litúrgicas” a minha segunda entrada no Graal,

pela mão da Loreto. A alegria, a festa, a criatividade, a profundidade, a poesia e a arte entrelaçadas com as epístolas ou com o evangelho, fizeram-me descobrir uma “igreja” outra. A opção pelas questões das mulheres veio depois (inicialmente estava muito resistente e achava que, se o Graal era tão bom, devia ser para homens e mulheres!), com o trabalho de alfabetização na Abelheira e as minhas “mestras” Fátima e Marijke (com o apoio da Celeste Isabel e da Teresinha). Foi aí que vi o quanto “eles” condicionavam as mulheres na sua busca de autonomia e de uma “palavra” bem própria.

Mas foi com uma filha-sopro do “Espírito” chamada Teresinha que fiz a minha escolha mais assumida. Vivía um momento de perda afectiva muito forte, diria mesmo, extrema e total e, quando estava sentada na secretária do meu gabinete na Escola de Educadoras de Viana do Castelo, (de mãos na cara, em lágrimas derramada e interrogando “que faço agora da minha vida?”), veio uma funcionária da escola chamar-me dizendo que estava “lá em baixo” uma “senhora desconhecida à sua procura”. Desci e era a Teresinha que me vinha desafiar para criar em Viana um grupo de alfabetização. Senti qualquer coisa dentro que me dizia “*Porque não?*” e lá fui... Este “*Porque não?*” pela mão da Teresinha salvou literalmente a minha vida e serviu de ponte a um dos trabalhos mais fascinantes que alguma vez fiz, que foi a alfabetização com mulheres do meio rural. O Graal e Paulo Freire impregnaram-se de tal forma na minha vida (na minha pele!) que **nunca mais** de lá sairão. Depois, como qualquer de nós, fui tendo os meus “altos” e “baixos” no Graal. Da alfabetização mudei para o Porto e fui a tempo inteiro trabalhar nos programas de Animação Infantil em Meio Rural em parceria com a Annie Rey e a Marijke, num tempo raro e frutuoso de inovação pedagógica. Do Porto, desafiada pela Teresa Santa Clara, disse novamente “*Porque Não?*” e vim para Lisboa (com a Tó, a Ângela e a Sylvette) fazer parte da equipe que apoiou a Teresa no lançamento do Terraço, enquanto trabalhava no Magistério Infantil de Lisboa. Um ano depois estava em Nova Iorque, começando a minha aventura americana, sempre guiada pelo “*Porque não?*”, que me levava a ir dando saltos no desconhecido. Esses saltos nem sempre foram fáceis ou lineares mas algum “andaime” do espírito me foi segurando e, por isso, digo sempre que tenho sido “guiada e sustentada” por Deus.

Em Lisboa me fui radicando, entregue primeiro ao projecto que sempre me tem fascinado de trabalhar na formação e, depois, de ligar a educação de infância às questões dos adultos e das mulheres, “bichinho” que me foi deixado pela “animação infantil”. Tem havido momentos de insatisfação com a comunidade Graal: Como podemos ser mais “pertença” umas das outras? Como podemos, no meio da “laicidade” que impregna as nossas vidas, estar atentas ao cuidar e ao sopro do Espírito que vai modelando as nossas vidas? Como ser veículo de transformação num mundo a que faz falta um projecto colectivo? Como sermos mais testemunho de um “infinito que nos guia” e nos inquieta??

Aprendi, com os anos, a não exigir “tudo” do Graal e, no entanto, estou “toda” no Graal, se é que me faço entender: somos um movimento de mulheres com os seus defeitos e qualidades (individual e colectivamente), mas o que mais me fascina é aquilo que o Graal consegue ser, apesar das nossas fraquezas e limitações. Somos realmente muito mais do que a soma das partes, e Deus vai trabalhando nos “interstícios” desta malha que, misteriosamente, vai filtrando a sua Luz.

A pertença, primeiro à rede internacional da espiritualidade e teologia e, depois, a organização do fórum internacional da espiritualidade em Palmela (e, em simultâneo, e durante o tempo mais recente, o cuidar da minha Mãe) fizeram-me tomar contacto com uma dimensão relativamente desconhecida da minha vida mais funda: ao dizer “*porque não?*” também ia afirmando a minha liberdade ilimitada – e essa nova dimensão prende-se exactamente com o seu contrário, que é o condicionamento da minha liberdade: o cuidado incondicional com o outro, independentemente de mim, percebem, da minha necessidade.... (as que são mães devem entender, outras talvez.... eu demorei tempo a encontrar esta dimensão). O cuidado que pesa mais do que a nossa necessidade mais profunda e a que eu ousou chamar “des-centração ética e espiritual”. O “apelo ao cuidar do outro” que se torna nossa responsabilidade primeira e prioritária, tal como descreve Lévinas, tantas vezes citado pela Isabel Allegro.

E aqui me têm, nesta busca cada vez mais funda que se liga, como diz Teillard de Chardin, ao caminho para dentro de mim mesma, ao caminho com e para os outros (e outras) e ao caminho para o outro que não conheço, até à sua última expressão: Deus.

Quando me perguntam: O que é que gostaria que o Graal fosse no futuro, só consigo dizer: mais Graal. Uma comunidade mais aberta ainda, atenta, acolhendo, transcendendo-se. Um Graal, movimento de mulheres, mas que crie novos espaços onde homens (maridos, companheiros), crianças (filhos e outras crianças), não cristãos, os apelidados de “outros”, possam “beber da taça” e contemplá-la na sua infinitude. Um Graal que esteja muito

atento à condição do envelhecimento: que nenhuma de nós se sinta “tropeço”, “a mais”, “inútil”, “pesada”. Que o Graal, assim como foi espaço de plenitude, de realizações, de projectos, de acções, seja também espaço de pausa, de paragem, de “fazer menos”, de contemplação, de indagação contínua e serena d’Aquele que não conseguimos nomear.

Porque não?

1 de Fevereiro de 2010

Berta Figueiredo

O meu caminho começa numa família feliz em que me sinto amada e protegida as dificuldades surgem na adolescência, a paróquia tem então um papel fundamental no meu crescimento como pessoa e como cristã. Embora num ambiente tradicional e conservador, tive oportunidade de conviver com pessoas autênticas e entusiasmadas com o que faziam, que me serviram de “modelo” e me proporcionaram a oportunidade de religar a fé e a vida.

Sem o saber na altura, foi assim que iniciei a exigência, de não me “instalar” de procurar sempre...de contagiar outras/os para uma busca, simultaneamente pessoal e comunitária.

Nos caminhos percorridos, não tracei itinerários pré-determinados, mas quase sempre “proveitei” ao máximo as oportunidades que me surgiram. Sempre me identifiquei com o poeta “ não há caminho...faz-se o caminho ao andar”.

Hoje, estou em época de balanço. Depois de mãe e professora durante décadas, chegou a aposentação, os filhos saíram de casa e presentearam-me com 5 netos em 6 anos.

Tinha alguns projectos para a reforma que “ainda” não concretizei.

Gostaria de ir ou de estar “onde sou precisa” e isso passa agora muito por ser AVÓ.

Como é que o meu caminho se cruzou com o Graal? No verão de 1966, tinha 21 anos e um desejo imenso de alargar horizontes, de beber noutras fontes, fui até à Trêmoa, Serra da Estrela, a um campo de férias do Graal, movimento de que não sabia quase nada e onde não conhecia ninguém. Foi “amor à primeira vista” Nunca mais perdi o contacto com o Graal. E de cada vez ia conhecendo mais pessoas e ia descobrindo mais afinidades, nas interrogações que fazíamos e nas respostas que surgiam.

No verão de 1969,num campo de férias em Peniche, quase por milagre (protagonizado pela Luisa França e pela Teresa Sta Clara) dão-me a possibilidade de integrar a equipa do Projecto de Promoção Humana e Evangelização do Graal em Portalegre, durante 2 anos, enquanto “esperava” que o meu marido voltasse da guerra colonial na Guiné. Nunca poderia imaginar, que este tempo de espera que se adivinhava tão doloroso pudesse ser tão fecundo. Foi uma experiência riquíssima de vida e trabalho em equipe, em que cada uma dava ao máximo para o projecto comum. “Cativei e fui cativada”, “Criei laços” que perduram ainda hoje.

De que modo o Graal é/foi essencial no meu caminho ? O Graal foi essencial no inicio da minha vida adulta ,pelas pessoas com quem vivi e convivi, pelos conhecimentos que me transmitiu, pelas experiências que me proporcionou, pelas ocasiões de celebrar a vida e a fé em verdadeira comunhão.

De que modo somos sinal do Graal nas nossas vidas?

Toda a família, amigos e até colegas de trabalho me identificam com o Graal. No mosteiro de Sassoeiros, com a presença e participação do Graal, celebrei o casamento e as bodas de prata. O meu filho, com 6 anos, e a frequentar a catequese paroquial, perguntou-me porque é que eu não faço a primeira comunhão numa “missa do Graal”, são mais bonitas ? e assim foi...Como professora de Educação Moral, mais de 30 anos, muitas vezes me disseram, “pensas assim ...dizes isso...fazes isto...porque és do Graal” Umas vezes era um elogio, outras uma acusação, principalmente nas épocas mais politizadas da nossa história. Sempre aceitei uns e outras como consequência natural por fazer parte desta “tribo”.

Quais são as preocupações e anseios que tenho?

A necessária renovação de pessoas, de modos de vida, de formas de participação. Mudanças difíceis mas inevitáveis, nas estruturas, nas formas de pensar e agir.

O que é que eu gostaria que o Graal fosse no futuro?

Que soubesse adaptar-se às novas realidades, interpretar os sinais dos tempos, sem perder o carisma inicial. Que possa continuar a ser, para muitas e por muitos anos, tão essencial como foi para mim e para a minha geração, na procura do Santo Graal. Fevereiro de 2010

Helena Guedes

Como é que a nossa caminhada entrecruzou com o GRAAL?

Estávamos em 1976, era eu uma rapariga de 16 anos que tinha unicamente feito a escolaridade obrigatória (6º ano), oriunda de uma família numerosa (11 irmãos) onde o futuro das mulheres se repetia de geração em geração: aprender a cozinhar, costurar, casar e ter filhos. Era então muito jovem e algumas raparigas já prosseguiram nos estudos embora só as das famílias mais “folgadas”.

Lembro-me que segui com muita atenção os acontecimentos de Abril de 74 embora dadas as limitações culturais, sociais e políticas, vieram despertar mim algo que na altura não conseguia interpretar mas começava a sentir uma grande necessidade de conhecer e viver para além daqueles horizontes fechados.

Como a Celeste Baptista era minha conterrânea e amiga da família, uma revolucionária cuja figura de mulher me fascinava, determinada, lutadora e personalizava a ousadia de romper com os modelos pré estabelecidos. Fui então desafiada para participar no curso dos Cucus II em Torres Vedras e não foi muito difícil convencer os meus pais a deixar-me sair de casa pois a Celeste era pessoa de confiança na família, senão seria impensável.

Foi aqui nesta formação em que todo era novo e deslumbrante, foi um tempo de formação fundamental para o resto da minha vida, fiquei muito mais desperta para as questões da sociedade, maior consciência pessoal e social. A formação Cucus operou transformações mas quando regresso vou trabalhar para uma fábrica de calçada e tomo contacto com o mundo do trabalho.

Sentia que não era aquele o meu lugar e tomo consciência que teria que prosseguir os estudos mas dadas as limitações económicas da família, isso só podia acontecer quando tivesse independência económica. A fábrica sofre um incêndio e fecha, eu também não desejava lá voltar.

De novo sou desafiada pelo GRAAL penso que 78 ou 79 (já lá vai tanto tempo) para integrar o programa de Animação Infantil no Meio Rural, foi talvez a melhor experiência profissional e formativa. E foi o começo de um percurso profissional ligado à educação de infância e à intervenção comunitária. Tive o privilégio de conviver e trabalhar com a Ticha a Annie Rye , a Marijke, a Berma e tantas outras mulheres que deram um contributo deixando-me “desinstalada” para o resto da vida.

De que modo o Graal foi essencial na nossa caminhada?

Ao conhecer o Graal nesta fase da minha vida posso afirmar que transformou radicalmente o meu percurso de vida. Para além do fascínio, da novidade, e do modo diferente de ser e fazer das pessoas do Graal, ele vem responder às nossas necessidades mais profundas da dimensão espiritual. A educação religiosa muito tradicional e quase castradora e “ameaçadora” não respondiam às necessidades e questões que a minha juventude reclamava. O Graal foi uma porta aberta, a leitura da bíblia ganha novo sentido e os encontros cheios de simbolismo e beleza eram um hino que começa a agarrar-nos por dentro. A abertura do centro do Graal na Golegã foi e é o meu refúgio e a minha força, onde situo a minha limitada participação.

Como fiz um percurso de trabalho e estudo durante muitos anos até concluir a licenciatura em Ciências da Educação, não me permitiu estar disponível para diferentes acções do Graal e isso deixou-me sempre uma sensação de que me faltava mergulhar mais, cheguei a pensar que poderia vir a ser uma residente da Golegã mas não aconteceu. Até que foi chamada a ser mãe, o maior projecto da minha vida.

A concluir, o Graal tornou-me outra pessoa, nele encontrei o espaço da descoberta, a incessante procura, a vontade de tornar possível o impossível, tão fundamental no caminho que foi traçando para a minha vida com os outros.

De que modo somos sinal do Graal nas nossas vidas?

O modo como estamos na vida, como interpelamos ou agimos somos muitas vezes chamadas de diferentes, nem sempre bem vistas, por não sermos “carneirinhos”, por vezes irradiamos luz e isso deve-se ao facto de levarmos o graal nas mãos , numa sociedade “descartável” não é tarefa fácil mas acreditamos no “atingir o inatingível” e isso vai deixando a nossa marca por onde passamos.

Preocupações e anseios em relação ao GRAAL, tem que ver com o futuro e com a continuidade. De que modo poderá transportar a taça a transbordar de forma a chegar a outras mulheres? De que modo estamos abertas às questões das camadas mais jovens? Quais os espaços/momentos de abertura que desafiem novas participantes. No fundo a minha preocupação prende-se com a continuidade da comunidade Graal tão especial

Tó Coutinho

Que caminho percorremos, onde estamos, e para onde gostaríamos de ir?

Tenho dificuldade em saber para onde gostaria de ir...O futuro – cada futuro, cada bifurcação, cada possibilidade – nasce do presente, no presente. No presente, tenho coisas entre mãos e só através delas saberei o que se segue. Não porque o que faço tenha qualquer importância – mas porque as coisas em si mesmas têm a sua própria dinâmica. O meu futuro é vivê-las. Depois...Deus sabe!

Como é que a nossa caminhada se entrecruzou com o Graal?

De que modo o Graal é/foi essencial na nossa caminhada?

Cruzei-me com a Isabel Allegro no átrio do liceu Filipa, acho que lá para o final do ano lectivo de 1971. Não me lembro da conversa. Acho que a Elsa deve ter dito que eu era irmã dela, e calculo que a Isabel me tenha perguntado se queria ir a um campo de férias – mas lembrar, não lembro. Só me lembro de dizer que sim. E lá fui para Sasseiros, um campo de férias com a Fátima e a Marijke, e no ano seguinte outra vez, e depois Almalaguês, e havia entretanto outras pessoas, a casa do 4-5º, serões de sala a deitar por fora com temas políticos e talvez pides escondidos. Há uma parte considerável de mim que cresceu no Graal – de uma forma continuada, sem rupturas. Por exemplo, creio que o Graal – pessoas concretas, em conversas concretas, de que me lembro ainda hoje – me permitiram uma transição entre "espaços de fé" sem dramas, sem cortes – mas verdadeiramente transições. Com liberdade e libertadoras. E "aprendi" a política nesse contexto. Acho que foi um privilégio.

Depois cresci. Estive no Graal a tempo inteiro: campos de férias, Páscoas, Oeiras, o Projecto de Apoio ao Ano Propedêutico, Portalegre, o Terraço. Quer dizer: as minhas energias estavam fundamentalmente concentradas no Graal. Vivia entusiasmada. Dei o que pude, aprendi imenso. Cresci. E foi bom.

Entretanto houve tempo de dúvidas e de questões, talvez de agressividade e de desilusão, mas também de coragem e de fidelidade (é a minha memória do tempo do "grupo das 11"). E lá estiveram pessoas concretas em conversas concretas, num diálogo franco – e se desilusão e agressividade alguma vez houve, creio que se transformaram em compreensão, em solidariedade e em responsabilidade.

E veio um tempo em que precisei de dispersão – de outros contextos e de outros afectos (e lá estiveram de novo pessoas concretas em conversas concretas, com as palavras concretas que interessavam, num diálogo inteiramente libertador). E o mais importante de tudo foi perceber que a distância é uma construção mental – e que o Graal é um dinamismo fundamental na minha vida.

De que modo somos sinal do Graal nas nossas vidas?

É uma pergunta difícil, porque deveriam ser outras pessoas a responder!... O que sinto é que o Graal faz parte da forma como organizo a minha identidade.

Quais são as preocupações e anseios que temos em relação ao Graal?

Tenho preocupações concretas, com pessoas, com situações, ora umas, ora outras... Às vezes preocupo-me de perto, outras ao longe. Mas a preocupação de fundo tem a ver com a questão de compreender a "permanência" do Graal (neste momento, estou a pensar na situação em Portugal, em particular). É uma questão difícil de formular, mas tem a ver com a idade média das participantes em geral e das pessoas do núcleo, em particular; com a história do grupo e com a forma como a re-interpretamos, em cada etapa; com a relação com o poder e com a capacidade de resolução de tensões; com a enorme plasticidade que somos capazes de viver, como grupo, e com a serenidade e o discernimento necessários para viver uma identidade que se vai inevitavelmente reconfigurando – e que, no entanto, permanece.

O que é que eu gostaria que o Graal fosse no futuro?

Tenho ideia de ter ouvido contar que alguém (o Pe Van Ginneken?!) dizia que o Graal existia para que cada mulher se tornasse aquilo para que Deus a destinou. Não sei se estou a inventar ou a baralhar histórias (talvez alguém da geração seguinte me possa um destes dias esclarecer!) mas gosto da ideia – assim, sem muitas divagações teológico-filosóficas sobre a noção de *destino*). E é também isso que sinto, quando me perguntam o que gostaria que fosse o Graal no futuro: que seja Graal, exactamente o Graal que nunca conseguimos dizer exactamente como é, o Graal que vive no "cotovelo do tempo" (ah! sobre o "cotovelo do tempo" acho que não

me engano, era o Pe. Van Ginneken que dizia às mulheres no início do Graal que estavam no cotovelo do tempo! Como imaginariam então o futuro do Graal?!)

5 de Fevereiro de 2010

Lourdes Pinto

Que dizer do alimento e significado que o Graal tem tido na minha vida?

Conheci a existência do Graal quando a Jacqueline foi dar notícia de um campo de férias na Escola de Auxiliares Sociais em S Pedro de Alcântara.

Depois no início do ano lectivo fui a uns encontros na Av. Estados Unidos da América e em 1967 fui à primeira Semana Santa em Coimbra que tinha por tema: Vamos ressuscitados colher flores.

Encantou-me tudo o que vivi e espantou-me muito o ver que o Graal era um grupo de pessoas que punha a Fé na vida.

Agradou-me muito e desde aí - 1967 - o Graal passou a fazer parte da minha vida.

O que escrevi é pouco mas talvez fique melhor dito a partir das vivências que cada uma e eu temos tido.

Maria José Bonze

Há dois anos, o Graal cruzou-se comigo no local de trabalho, pela mão de uma colega.

Desde então, pude sentir a força de um movimento contínuo, que avança sempre, sem grandes convulsões, transportando consigo a noção de igualdade de oportunidades da mulher na sociedade e na Igreja.

Historicamente, o Graal representa a demanda do ser até à Revelação. A minha experiência no Graal é recente, mas tornou-se essencial, ao acrescentar estratégias de vida e diferenciados recursos humanos à minha caminhada espiritual, dando mais sentido ao meu percurso de vida.

Os graves conflitos sociais, os problemas de saúde e de instrução dos países menos desenvolvidos, os atropelos económicos do capitalismo neo-liberal provocam na sociedade desestabilização, mal-estar, desencanto.

Procura-se rápidas soluções para problemas insolúveis. Talvez o Graal, como instituição não governamental, mas amplamente espalhada pelo mundo, possa enunciar e debater várias hipóteses, que, vindas dos mais diversos quadrantes geográficos e dos mais variados pontos de vista, possam, sem pressa, conduzir a um consenso global. Espero que, deste modo, pela reunião espiritual, se alcance resultados eticamente eficazes para a transformação estética - que é, afinal, o devir da humanidade.

Porto, 5 de Fevereiro de 2010

Ananda Fernandes

Conheci o Graal aos 13 anos. Nem me lembro como... Certamente através do Liceu, pois era um grupo de adolescentes do Liceu D. Maria, em Coimbra, que ia todos os Domingos com a Manuela Afonso a Eiras, animar as crianças e jovens da paróquia. O flautista de Hamelin foi uma das histórias que trabalhámos com eles.

Paróquia de Eiras, paróquia de Sto. António dos Olivais, Orfanato de Semide, foi a descoberta de um mundo muito diferente do meu e da certeza de que é possível intervir. Ao mesmo tempo, o encontro com outras pessoas do Graal: a Celeste Isabel, a Ana Oom, a Teresinha, a Isabel Allegro, a Loreto, a ... enfim, o núcleo duro, todas sabemos quem são, e a Monique, a Jacqueline. Os encontros nacionais, em Oeiras, a Maria de Lurdes e a Teresa Santa Clara, o Graal Internacional.

O que mais marcou a minha personalidade foi o sentimento de que no Graal havia uma Fé profunda em Deus mas também uma Fé convicta na promessa que viam em cada uma de nós, como pessoas, como se de cada uma de nós dependesse um melhor futuro para a Humanidade. Que mais se pode dar a uma jovem adolescente do que esta positiva consciência de si?

Nos anos da Revolução, a conciliação entre a militância política e a fé cristã só foi possível porque havia no Graal uma outra forma de estar na Fé, havia uma outra Igreja, um genuíno e concretizado empenho de viver, partilhar e construir um mundo melhor.

A Elsa e o seu trabalho em Paredes de Coura fizeram-me ir para enfermagem, um caminho mais curto do que a medicina para começar rapidamente a intervir. Nos anos que se seguiram, dos meus 20 aos 30, construí a minha família sem perder o sentimento de pertença alimentado pela presença regular do Graal através da Carta de Notícias. Ia sabendo o que se passava e isso foi determinante (obrigada à equipa). Até que um dia, meados de 90, passei pela Teresinha, em Coimbra. E criámos um novo grupo. Até hoje.

Ser do Graal faz parte de mim, da minha história. E tenho um imenso sentimento de dívida e gratidão para com TODAS com quem me cruzei ao longo dos anos e que de uma forma mais continuada ou mais esporádica me lembram quem sou. Gostaria que as minhas filhas experimentassem o Graal. Que muitas jovens, alunas, colegas, tenham este privilégio que eu tive. Esta graça de serem tocadas pelo Espírito do Graal de uma forma indelével. Que dê às suas vidas a consciência do seu sentido. Sinto que temos a responsabilidade de alargar a rede.

6 de Fevereiro de 2010

Lucinda Bento

Nascida e criada num vale, situado no coração do Baixo Mondego, os horizontes físicos do meu olhar eram geograficamente circunscritos por dois rios, os horizontes da minha alma não tinha espaço, geografia ou fronteira, nem cabiam em palavras com que pudesse descreve-los.

Numa sociedade profundamente rural, isolada de todos pela sua própria geografia, era também uma “Ilha” onde a cultura tardava em chegar, em que as tradições e regras constituíam um sufocante espartilho social onde as mulheres eram as grandes vítimas.

Nos anos sessenta, estudar era privilégio de rapazes filhos de pais com algum poder económico, as irmãs mesmo que fossem mais inteligentes ficavam de fora, o seu futuro passava por um casamento, saber cuidar da casa ter filhos e obedecer ao marido.

1974 Enquanto decorria a Revolução, cá dentro as mudanças eram pouco visíveis, as mulheres mantinham-se afastadas dos centros de decisão sem nada reivindicarem para si próprias. Confesso sem falsos pudores que na ingenuidade própria dos meus vinte e três anos, sempre subjugados a vontades que não eram as minhas, esperava um movimento libertador que pela lei impusesse o fim da repressão às mulheres e lhes restituísse o direito a ter vontade própria e a escolher o seu destino.

Como o Graal se cruzou na minha vida

Foi então que um dia fui convidada pelo padre Claro a assistir a uma reunião que umas “senhoras” vinham fazer á sacristia, só para mulheres.

De início não percebia bem o objectivo das reuniões, ouvia-se um folhetim radiofónico escrito pela Natália Pedroso Lima, que servia de pontapé de saída à discussão sobre o quotidiano das mulheres da aldeia – mesmo sem perceber a finalidade gostava, era uma forma de expressar uma opinião e haver alguém que me ouvia terminada a reunião voltava para casa e tudo continuava igual, menos eu – que estava a cada dia mais inconformada com a vida que não escolhi e não conseguia vislumbrar onde é que as minhas reflexões me levavam.

Sem que eu o soubesse o Graal já me tinha escolhido e a pouco e pouco foi entrando de mansinho na minha vida, através da Celeste Isabel que de vez em quando me vinha desafiar a um passeio pela Natureza onde ficávamos até ao pôr-do-sol, em conversas profundas, de uma linguagem que não sendo verbalizada da mesma forma, ia ao encontro dos meus anseios, me ajudava a coordenar os meus sentimentos e a encontrar em mim as respostas que procurava nos outros, adquirindo o meu equilíbrio mental e espiritual.

Comecei a perceber que se queria ajudar a construir um mundo melhor não poderia continuar a lambar as minhas próprias feridas, se havia algo a fazer por mim teria que ser eu própria a fazê-lo porque ninguém o faria por mim. Com esta tomada de consciência que a pouco e pouco fui adquirindo, fui descobrindo o prazer de “ser”.

Quando comecei a ouvir falar do Graal foi a minha vez de o escolher e perceber que era por ele que eu sempre havia procurado.

A forma lúdica e singular das celebrações, o significado dos símbolos e a riqueza dos gestos, deram uma nova vida à minha fé.

Quero expressar a minha gratidão àquelas que puseram o Graal no meu caminho, a Celeste Isabel, a Ana Oom, a Elsa e todas aquelas com quem me fui cruzando, que foram determinantes na minha tomada de consciência,

contribuindo para fazer de mim a mulher que sou.

O Graal no Futuro

Gostava que no futuro o Graal fosse: Luz, Semente, Esperança, Procura, Desafio, Caminho e Verdade.

15 de Fevereiro de 2010